

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE 4 VEZES POR SEMANA

REDACTORES DIVERSOS

Anno II

Cuyabá, 19 de Setembro de 1895

N. 67

A VERDADE

Cuyabá, 19 de Setembro de 1895

Estudemos

Prova da reencarnação—Provação

José Cuiêje Ponce, nascido de pais bororós coroados entre os annos de 1885 a 1886 pouco mais ou menos, era um indígena intelligente e de uma moralidade de espantar.

O leitor vai ver e admirar uma historia toda cheia de provações, que muito lhe servirá para estudo e meditação.

—Seu pai era capitão da tribo; sua mãe morreu deixando-o em muito tenra idade; logo após ter perdido sua mãe, seu pai deu-lhe por madras-ta uma india cruel, que tratava-lhe muito deshumanamente o que muito desgosto causava a seu bom e amoroso pai, que o extremecia de-veras, e elle sabia retribuir com afec-to e com dedicação, soffrendo com paciencia todos os máus tratos de sua madras-ta.

Quando elle apenas tinha de 5 pa-ra seis annos, seu pai ja bastante adoentado retirara-se da colonia São Lourenço, onde vivia, para o centro das selvas, em busca de allivio, le-vando-o em sua compenhia e mais sua segunda mulher, que era má na extensão da palavra. Em cami-nho, seu pai, o capitão Juriquináu, ja sem forças, exaustão de recursos sucumbiu, ficando o cadaver entre-montado aos seus cuidados ain-da uma vez prova o seu gran-de pai,—ao passo que a mulher sentindo-se morta, procura im-

mediatamente seu rumo sem previ-dencia alguma tomar para os fune-raes do capitão, segundo uso na sua nação.

Cuiêje, essa grande alma soffre-dora e resignada, conservou-se ao lado do seu pai, desvelado e amoroso: —ja haviam decorrido trez dias quando por alli passou um indigena mandado pela mão da providencia q' o vio ja sem forças, quasi morto tam-bem ao lado de seu pai!—Quanta dedicação! Que sublime lição!

—Chegando esse facto ao conhe-cimento do então commandante do destacamento da colonia—o Sr. Eli-zo Pinto de Annunciação, o cathe-chizador dos indios coroados, o ami-go dellas, emediatamente mandou buscar o pobre Cuiêje que ja estava muribundo quasi, pois faziam tres dias que não recebia alimento al-gum;—tinha o corpo coberto de bi-chos.—A caridade de tão digno ho-mem salvou-o da morte, e a provi-dencia fel-o vir habitar commigo; e-ra mais um filho-que Deus me con-cedia.—Doente sempre, lutei muito para dar-lhe a saúde do corpo, por que a do espirito elle tinha.

Apezar dos esforços inauditos por mim empregados, e mui particular-mente por minha esposa, que muito o amava e pelo distincto facultativo, doutor Novis, que tinha para com elle muita sympathia, não houve outro remedio senão succumbir no dia 10 do corrente mez.—Era che-gado o tempo.

—Durante a gravidade de sua mo-lestia chamou-me ainda muito mais a attenção —a pura lucidez do seu espirito adiantado.

Além de outros ensinamentos de moral dados a meus filhos, todos me-nores que elle, mencione o segun-

te: —«Todos nós temos obrigação de servirmo-nos mutuamente... ho-je eu estou doente, sou servido por V.V., amanhã eu vos servirei.—Isto dito em linguagem expressiva e sen-tenciosa.—Revelou crença firme em Deus e na immortalidade da alma. Na vespóra de sua morte disse-nos que o seu aposento estava cheio de espiritos e que elle ja tinha visto sua mãe!

Apezar de eu ser espirita não o tinha iniciado nessa doutrina, por-que, além de ser muito cedo, acresce que nunca elle deu-me occasião de fazer-lhe a menor observação so-bre principios da moral e do amor do proximo, visto que, contrario a todos os de sua tribo, elle era leal, honesto, obediente e humilde.

Morreu assistido conforme manda a Santa religião do Christo, nosso sublime Mestre, e até a hora de des-prender-se desta munda nenhuma palavra de desespero! Calmo, sem-pre calmo.

—Eu disse-lhe:—Ide para vossa verdadeira patria que vossos bons a-migos vos esperão e elle pareceu sor-rir e logo partio!

Alma feliz — tinha sabido cum-prir sua missão, suas provas com re-signação e humildade!

Meditai, oh! vós que desprezai os indigenas, que tratai-os como bestas, como animaes indomaveis e reconhe-cereis que elles são tão dignos fi-lhos de Deus como nós; —que entre elles podemos incarnar, taes sejam nossas faltas.

—Meditai!

No dia 11 do corrente 26 horas depois de sua desencarnação em ses-são da sociedade—«Christo e Cari-dade» pedi a um dos mediuns psy-cographicos que consultasse seu gui-

a si era possível saber-se qual era o estado do nosso irmão José Cuiêje no mundo dos espiritos; — recebeu-se a seguinte resposta :

— «O vosso irmão que acaba de deixar o involucre material é um espirito feliz por ter bem sabido cumprir a missão que lhe foi imposta e aceitou com verdadeira resignação.»

Nenhum de meus irmãos sabiam de quem se tratava e nem conheciam a vida do meu filho adoptivo; ignoravam até se elle havia fallecido, mesmo não sabiam o seu nome; e o que mais certificou-me da veracidade desta comunicação foi a descrição feita pelo medium vidente : — «Está a vossa esquerda um menino, mostra ser indígina pelos cabellos que estão aparados, está risonho, nosso guia José Antonio dos Reis falla com elle afavelmente; elle vos afaga também. Antes que eu lhe perguntasse que roupa vestia — disse o vidente: — elle veste uma camisa de riscado escuro e calça da mesma cor.

Exatamente a roupa que elle levou por baixo da mortalha e que nem mesmo as pessoas que conduziram-lhe ao cemiterio podiam vêr. Eu não havia convidado a nenhum dos meus irmãos para o enterro.

Elles ignoravam tudo!

— Estudemos, eis o brado que não cessamos de fazer chegar aos ouvidos de todos, e vós que costumais mojar das cousas serias meditai, e depois rido se for possível.

P. PONCE.

ESTUDOS

Ve-se selvagens que vêm para o meio da civilização comprehendem com facilidade tudo que se lhes ensina, não será isso prova de que elles já viveram anteriormente em um meio mais desenvolvido que não entre os selvagens?

«Meu irmão—Para formular uma resposta que vos satisfaça direi : — Os mundos são escolas, como deveis comprehender e vos ensina o espirito; não ha duvida que, taes sa-

jam as faltas commettidas que Deus em sua justiça, os faça encarnar entre os selvagens para espiar faltas passadas, e tanto é assim que o selvagem que ha pouco se desencarnou deu uma evidente prova, como o meu irmão mesmo observou.»

— Os espiritos que se encarnam entre os selvagens e não tem por isso mesmo meios de se progredirem em sabedoria, quando deixam o involucre material conservam-se completamente ignorantes?

«Não poderão conservar-se ignorantes desde que tenham adquirido instrucção ou virtude; — o espirito não retrograda, não pode portanto conservar-se ignorante, o spiritismo mesmo é uma luz clara por onde deveis dirigir-vos no conhecimento deste problema. O espirito não pode perder o que adquirio em procedentes encarnações.»

— Eu fallo dos espiritos em sua primeira encarnação, quando ainda estão simples e ignorantes; talvez não fosse comprehendido em razão da falta de clareza de minha pergunta, falta que espero suprirei.

«Tudo está em relação, se o espirito adquirio algum conhecimento na sua primeira encarnação ao deixar o involucre leva consigo esses mesmos conhecimentos, se não adquirio, é muito natural. — Não conserva senão a sua natureza primitiva.»

— Os selvagens que não progredem em conhecimentos humanos, mas praticam a lei de amor, soffrem com resignação e humildade as provações que lhes são impostas, gozam de inteira felicidade no mundo dos espiritos?

«Como deveis comprehender, meu irmão, tanto entre o selvagem como entre vós, ha bons e máus; os que se salientam entre os selvagens pelo seu bom genio, são de alguma forma espiritos que já tem vivido entre elles mesmos e pela lucta puderam alcançar modificar seus instinctos, — são felizes por isso.

— Os espiritos que ao desprenderem-se do seu involucre material sentem logo a felicidade é signal de

adiantamento moral, têm elles por necessidade da novas encarnações, podem depois de haver sido felizes deixarem de ser?

«O espirito que attingio a certo gráo de perfeição não póderetrogradar. O espirito ao deixar seu corpo sobre a terra e se encontra no mundo dos espiritos em um estado de felicidade, pode, ainda mesmo assim, voltar a terra. Eis o caso em que os mundos são escolas como ha pouco vos disse.»

FRANCISCO DE ASSIS.

(Christo e Caridade 14—8—95)

A grande doutrina

I

Vai começando o sentimento publico a resolver esta questão de justiça. A primeira palavra da sua solução estava escripta nos annaes do pensamento humano. O espirito moderno foi achá-la numa doutrina celebre, que data dos principios da humanidade historica.

Revelada a Pythagoras pelos brahmanes da India e pelos sacerdotes do antigo Egypto, por Platão, cantada por Virgilio, ensinada pelos Druidas, proclamada pela voz do Christo, — ainda que vantajosamente prohibida nos primeiros tempos da Igreja Christan, por eloquentes pensadores, — esta doutrina renasce entre nós — outros, depurada, completada, ampla, consoladora, racional, explicando o homem e justificando a Deus.

A honra de havel-a resuscitado cabe á França. É uma gloria que nos era devida, pois esta nobre crença constituiu a força e a grandeza dos nossos maiores.

Referimo nos ao dogma da reencarnação das almas, da volta á vida terrestre dos homens que já viveram.

II

A ignorancia do vulgo desfigura esta noção primitiva, desfigurado as doutrinas em ficções poeticamente feitas com a união

Mas os homens que desprenderam a ideia de *Deus uno* do engaste mythologico de que a imaginação dos povos a tinha cingido, não seberam descobrir, debaixo das fabulas da metempsychóse, o principio poderoso que ali estava encerrado. Moysés não se occupou com o futuro da alma humana, e a maioria do segundo concilio de Constantinopla, preferindo o sombrio dogma do inferno, rejeitou a doutrina da reencarnação, sustentada por Origenes, ainda quando toda-via, é verdade, obscurecida por muitos erros.

Igualmente proscripta, do Corão, filho directo da Biblia, esta bella intuição das primeiras edades do mundo, este ponto fundamental da revelação primitiva, ficou durante seculos, perdido para a humanidade.

Sem embargo, o Evangelho admitia-lhe o principio. Os Judeus haviam recebido dos Chaldeus, dos Persas, o dogma da immortalidade da alma e da resurreição dos mortos. A ideia da reencarnação estava até nas prophcias.

— Quem é que dizem os homens ser o filho do homem? perguntou Jesus a seus discipulos.

Elles responderam-lhe. — Uns dizem que é João Baptista, outros, Elias, estes Jeremias ou algum dos prophetas. »

Uma predição havia annuciado que Elias devia renascer, antes da vinda do Messias. Os discipulos perguntaram a Jesus se a predição era verdadeira. Jesus ao envez de repellir esta crença, consagrou-a pela sua resposta.

— « E' verdade, disse, que Elias deve vir e vos declaro tambem que Elias ja veio, e elles o não conheceram e o fizeram padecer. »

Os discipulos de Jesus comprehenderam então que elle se referia a João Baptista.

Assim, os Padres da Igreja cristã, rejeitando o dogma da re-
ta, rejeitam ao mesmo pa-
ra do Revelador.

III

Este dogma não nasceu, pois, hontem, no cerebro de alguns pensadores. E' tão antigo como a noção da existencia de Deus na consciencia humana; tão divino como o sentimento da immortalidade e da responsabilidade de nosso ser, sentimento que elle corrobora e affirma.

Vozes imponentes o tem proclamado de idade em idade; esta terra gauleza, que pisamos e que melhor que nenhuma outra o havia comprehendido, se estremece ainda com a lembrança dos bardos que o cantaram. A ideia da reencarnação é uma restituição feita ao espirito humano; melhor ainda, é a solução da questão capital que ha de reservar todas as outras: a *justiça de Deus*.

IV

O homem renasce. Tudo se cifra n'esta palavra. Assim como a progressão das existencias instinctivas explicou a desigualdade dos primeiros seres, assim tambem a successão das vidas moraes explica a desigualdade das condições humanas e justifica a Deus.

Todos, successivamente, temos percorrido as phases atravessadas pelo genero humano, na variedade de nossos carecteres modificaveis e de nossas aptidões progressivas, padecendo as consequencias de nossas faltas e gozando do resultado de nossos esforços.

Eramos as gerações do passado « seremos as gerações do futuro » Colhemos o que antes havíamos semeado; o que semcarmos hoje, ainda havemos de colher: se não vai n'isto a justiça, onde vai?

Homens, não tendes a quem pedir contas sendo a vós mesmos. Vossa vida é obra vossa, sois livres e não podéis deixar de o ser, pois não tereis a consciencia se não tivésseis a liberdade.

O resultado da vida moral é a felicidade de comprehender e amar, de sentir-se e de gozar, de harmonia com os outros e consigo mesmo, na paz universal.

A felicidade, porém, para ter todo o seu preço, deve ser adquirida, e não outorgada. A alegria do objecto alcançado, da satisfação gostada, é proporcionada á intensidade dos desejos, á energia dos esforços.

A mesma lembrança dos sacrificios realizados, dos padecimentos suportados para obtel-a, redobra-lhe o encanto. A mãe ama o filho na proporção das angustias que lhe ha custado.

A lei necessaria da vida, a provação, isto é, o padecimento, não está pois, em des accordo com a bondade do supremo Ser.

Compensação suprema do mal, o homem possui te em si mesmo, embora te negue no momento da crise! Goso tranquillo e sereno das penas se foram, deliciosa quietetude, filha dos tormentos passados, que alma que haja soffrido não conhece o vossso encanto? Perguntai ao marinheiro se tem apreciado a doçura do repouso tanto como depois das luctas da tempestade; a todos quantos têm chorado, se o raio de felicidade que lhes enxugou a derradeira lagrima, não apagou todas as suas dores.

V

O homem renasce, augmentado por seu valor, ennobrecido por sua constancia, trabalhado por suas penas.

A morte não existe. Cada existencia é um estadio vencido no caminho do progresso. Ha retardatarios, desertores; mas ou cedo ou tarde uns chegam, outros voltam.

Esta doutrina é a mais racional, a mais logica das concepções do espirito humano sobre o estado passado, presente e futuro da alma. Illumina com uma nova luz a noção da immortalidade e a não menos antiga da responsabilidade do ser, consagração da consciencia e sancção da moral,

O premio e o castigo existem, segundo o valor das boas obras ou a intensidade das más. Ali todavia, a divina justiça abrange a todos, imparcial e serena. Nigum pôde apellar da sentença, nem appellar

contra a pena, não ha tribunal, não ha sentença pronunciada, não ha pena inflogida.

A alma se remunera ou se castiga a si mesma, por esta simples lei de ordem que rege a todos os phenomenos em sua equidade absoluta.

O effeito é proporcionado á causa.

O homem avança ou retrocede, sobe ou desce segundo o uso que faz das suas forças livres. No outro mundo, como cá n'este, ha de ser levado ao estado que para si mesmo preparou, ao logar que para si mesmo fez. A sua vontade presenta determina o seu estado futuro. Estado de padecimentos mais ou menos vivos, de privações mais ou menos sentidas, de felicidade mais ou menos extensa em proporção com a responsabilidade do ser, isto é, da somma liberdade que ha procedido a seus actos,—pois a liberdade não é a mesma coisa em todos; estudaremos logo esta questão tão controvertida.

VI

Tratemos agora de penetrar as trevas que nos velam a curta vida e antes de tudo esclareçamos um ponto, que não está ainda bem determinado por alguns espiritos crentes.

—Dissemos que, pelo mau uso de suas forças, a alma podia descer—Mas onde pára a sua queda? Isto nos leva ás fabulas da antiga metempsychose. Uma palavra bastará para entendermo-nos.

Se o homem é uma synthese da animalidade, mais abaixo do homem, não está já o homem. Um conjuncto de elementos quaesquer animicos ou chimicos é uma creação especial que é como é ou que não é.

Se a alma cai mais baixo do ponto em que principiou, já não ha alma. Não ha senão as forças inconscientes que á haviã formado. Pouco importa saber o que venham a ser essas forças; não são a alma humana. A liberdade, a consciencia, a idealidade, expressões superiores da synthese que constitue o ser humano, o que se dissolveram, já não existe.

A alma humana não póde, pois, descer mais abaixo da humanidade, sem desaparecer.

—Póde desaparecer? Esta questão prende-se á da liberdade; encontra-la-hemos na nossa vereda.

Mas digamos, desde logo, que a queda absoluta é impossivel. Deus não inflige a pena de morte, e a lei eterna se oppõe ao suicidio.

Por suas faltas ou por sua vontade, o ser moral póde arruinar a sua forma, que é o corpo, mas não o seu principio, que é a alma. Não perde senão o que adquiriu por si mesmo e não póde retroceder para além do ponto d'onde partiu, pois este ponto não lhe pertence.

Admittamos que a lei divina não póde ser menos equitativa que a lei humana; pois que esta põe em proporção a responsabilidade com a lucidez de consciencia; e considera como formando parte da fatalidade os factos commettidos sem discernimento.

EUGENIO NUS.

Fraqueza de vontade

(MME. ANTOINETTE BOURDIN)

Durante a mocidade a illusão toma quase sempre a forma da verdade, porque a experiencia não se revela ainda; o pensamento fluctua nos campos do desconhecido, sem guia, sem bussala, e assim ultrapassa os limites da razão; não prove nem quedas, nem perigos; a inconsequencia faz-lhe commetter faltas e marchar a largos passos ao encontro das decepções.

Os sonhos que a illusão faz nascer são a felicidade da juventude; elles assemelham-se ás alegrias da primavera, em que a natureza prodigalisa a um só tempo sua verdura, suas flores, seus raios de sol; desde que sobrevenha uma tempestade, em um momento as flores estão fanadas, os arbustos desarraigados, os ninhos destruidos. Mas a primavera, como a juventude, rapidamente se rehabi-

litam de suas quedas; uma nova illusão após uma decepção, um raio de sol depois da tempestade, e a vida recomeça como d'antes.

A coisa as vezes torna-se mais grave; ha, com effeito, velhos do espirito leviano, que vivem de illusões até o tumulo. Esses entes jamais edificaram coisa alguma sobre bases solidas, seus pensamentos não formaram nenhuma attracção, porque não estavam fixados nem pela vontade, nem pela razão; mas por essa especie de certeza que nasce do desejo. O desejo só tem menos força do que se lhe attribue; elle está sujeito a desvios caprichosos que obstatum a constancia e a perseverança que devem ter os sentimentos viris. Por isso, o que pode constituir um verdadeiro perigo é quando homens d'essa natureza são chamados a dirigir os povos ou se eecarregar das almas; então elles com a sua volubilidadade de caracter conduzem o paiz ao abysmo.

Esses entes, depois de sua morte, não encontram thesouros fluidicos amontoados no mundo espiritual, nem guias para os dirigir; erram no espaço, onde não encontram senão imagens vagas, enganadoras miragens; mas elles depressa se assustam do sua fraqueza, imploram guias, que jamais se excusam quando são solicitados com uma vontade sincera de voltar ao bem, e elles reentram assim no caminho do estudo e da experiencia.

A experiencia é a salvaguarda d'essas almas relativamente boas mas pouco reflectidas; ellas as rehabilitará de suas quedas.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA: POR MEZ 1:000 REIS

NUMERO AVULSO 300 REIS.

Typ. de Emilio